



Tropicália: influências e principais representantes

Deillany Martins Mendes¹

Laís Mikaelly do Carmo Sousa²

Resumo

O presente artigo discute sobre a Tropicália, um movimento cultural brasileiro surgido na década de 60, que pretendia mudar o cenário musical buscando elementos tanto da cultura brasileira quanto tendências estrangeiras da época. Dessa forma, são apontados os estilos que se criaram na música popular brasileira nessa época, as influências, bem como os nomes que mais se destacaram na música. O movimento se expandiu em várias áreas, cinema, literatura, teatro, mas ganhou maior destaque musicalmente com vários nomes. Assim, Tropicália representou uma renovação no cenário musical brasileiro ao fundir diversos gêneros musicais brasileiros e estrangeiros. O resultado foi o lançamento dos álbuns *Tropicalia ou Panis et Circensis*, gravado em 1968, com a participação dos representantes tropicalistas Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Os Mutantes e Tom Zé.

Palavras-chave: Tropicália. Literatura Piauiense. Principais representantes.

A década de 60 foi marcada, no Brasil, por uma Ditadura militar que, com repressão policial e cultural, deixava o país à mercê da censura e do arbítrio. Dessa forma, o

autoritarismo, a supressão de circulação de informações, opiniões ou expressões artísticas e a tortura foram práticas comuns do governo nesse período. Esse momento político também foi marcado por uma revolução na cultura brasileira, principalmente na música, pelo Tropicalismo, que surgiu como forma de protesto através da arte.

Nesse cenário, o movimento cultural brasileiro Tropicália propôs uma transfiguração cultural, no fim da década de 60, entre os anos de 1967 a 1969, por divulgar diversas formas de expressão artística. Assim, ele englobou artistas de diferentes áreas – nas artes plásticas – com pinturas de Hélio Oiticica, no cinema – com produções do cineasta brasileiro Glauber Rocha, no teatro – com peças dirigidas pelo diretor, ator, dramaturgo e encenador José Celso Martinez Corrêa, e na música – produções musicais de vários cantores como Caetano Veloso e Gilberto Gil, a fim de revolucionar cada uma delas, mas a visibilidade maior se deu na música, que misturava influências tanto da cultura brasileira quanto da música internacional.

Paralelamente a isso, vários grupos lutavam contra essa ditadura ferrenha e, mesmo após o Ato Institucional 5 - AI-5 de 1968, não cessaram suas produções e manifestações contra tal situação política. Tais grupos, como Centro Popular de Cultura (CPC), da União Nacional dos Estudantes (UNE), criado em 1961, no Rio de Janeiro; o Teatro de Arena e outros movimentos estudantis trabalhavam para construção de uma "cultura nacional, popular e democrática", pois visavam contribuir com a conscientização da sociedade, levando letras de protesto através da arte musical.

Na música, a Tropicália contava com vários nomes, como o do baiano Gilberto Gil, do cantor e compositor Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa, Nara Leão e a banda "Os Mutantes". Além dessas celebridades, outros artistas como Chico Buarque, Rita Lee, Torquato Neto e Elis Regina, também contribuíram para esse movimento. No entanto, algumas das músicas foram censuradas mesmo depois do fim do AI-5 e só puderam ser lançadas anos depois, como por exemplo a canção "Apesar de você" de Chico Buarque, uma ironia ao período da ditadura

Apesar de ter durado aproximadamente quatorze meses, o Tropicalismo se inspirou em todas as épocas anteriores. As produções desse movimento revelavam as suas principais referências, como uma combinação entre elementos da música internacional com os elementos da música popular brasileira, pois havia, concomitantemente, uma busca pela identidade nacional ao tempo que desejava uma internacionalização cultural.

O movimento tropicalista aplicou, ainda, a Antropofagia de Oswald de Andrade, principal ícone da Semana de Arte Moderna de 22, o que, no plano intelectual e comportamental, significava o processo simbólico de “mastigar”, “deglutir”, “digerir” elementos e valores estrangeiros e nacionais, inclusive os deixados em segundo plano e tidos, na época, como “cafonas”. Assim, o objetivo era construir uma identidade autenticamente brasileira elementos de várias culturas, como dos indígenas, europeus, africanos e norte-americanos.

A Tropicália não foi contrária aos movimentos e estilos musicais precedentes, que serviram de alvo de sínteses e críticas. A Jovem Guarda e a Música Popular Brasileira – MPB contribuíram para o surgimento de uma nova arte, a primeira com uma musicalidade inspirada no rock’n roll norte-americano, inglês e italiano, que alguns críticos até hoje consideram como uma cópia do estrangeiro, conhecida como iê-iê-iê. No entanto, a MPB sempre defendeu a música tradicional, centrada na cultura e no legado brasileiros.

A Tropicalista reestruturou a letra de música daquela época com as composições de Gilberto Gil e Caetano Veloso, pois as músicas eram marcadas por diálogos com obras literárias como as de Oswald de Andrade ou de vários poetas concretistas. Entre as músicas tropicalistas que fazem alusão ao concretismo estão Acrilístico, de Caetano Veloso, e Cademar, de Tom Zé. Assim, as produções musicais promoveram uma mistura de ritmos, ao mesmo tempo que mesclaram de diversas tendências, como a cultura popular brasileira e inovações extremas na estética.

O movimento tropicalista de 1967 surgiu quando os seus principais representantes analisaram os diversos estilos musicais, retiraram o que acharam de melhor, e foram em busca de algo que representasse a identidade nacional e a cultura brasileira. Isto é bem notado nas letras de música, que refletem o cotidiano brasileiro da época e apresentam críticas políticas e sociais. Elaboradas como paródias criativas e donas de um rico efeito de linguagem metafórica, as canções fazem alusões diretas ou indiretas às representações do Brasil e da tradição.

A Tropicália teve a primeira divulgação pública em 1967, no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, em São Paulo, e pela Rede Globo, no Rio de Janeiro. Nesse festival, Caetano Veloso e Gilberto Gil concorreram com músicas inovadoras: o primeiro

interpretou "Alegria, Alegria" e o outro, em companhia d'Os Mutantes, causou rumor com "Domingo no Parque".

As produções musicais tropicalistas misturavam rock, bossa nova, samba, bolero, entre outros estilos, o que chamaram de som universal. Para essa novidade, apostaram em guitarras elétricas e outros instrumentos. Porém, no início, a juventude, que se encontrava no centro do processo, criticou e repreendeu as canções, causando uma imensa polêmica, já que as influências estrangeiras, antes repudiadas, chegavam ao centro do cenário. Ademais, como tudo que é novo causa estranhamento e leva tempo para se conhecer e acostumar-se, foi o que aconteceu.

O ano de 1968 foi marcado pelo lançamento do disco-manifesto *Tropicália ou Panis et Circenses*, do qual participaram artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Nara Leão, Os Mutantes, Tom Zé e poetas como Torquato Neto e Capinam e o maestro Rogério Duprat - responsável pelos arranjos e regência do álbum. Além de referências nacionais e estrangeiras, o disco mostra o requinte da bossa nova nos arranjos de Duprat e nos vocais de Caetano Veloso.

O álbum foi resultado de um trabalho coletivo, que teve a participação e o parecer de muitos artistas. A capa do álbum foi desenvolvida pelo artista plástico Rubens Gerchman, cuja foto foi registrada na casa do fotógrafo Oliver Perroy, no entanto todos os integrantes opinaram para a composição final. Os arranjos e a regência foram confiados a Rogério Duprat, já a produção ficou com Manuel Barenbein. O repertório elaborado para representar o manifesto musical contém doze canções. A polifonia é algo muito presente na estrutura musical, visto que as faixas seguem até o fim, sem interrupções.

O disco inicia-se com a música "Miserere Nobis" (Gilberto Gil – Capinam), interpretada por Gilberto Gil. Em seguida, vêm "Coração Materno" (Vicente Celestino), interpretada por Caetano Veloso, "Panis et Circencis" (Gilberto Gil – Caetano Veloso), interpretada por Os Mutantes, "Lindonéia" (Gilberto Gil – Caetano Veloso), interpretada por Nara Leão, "Parque Industrial" (Tom Zé), interpretada por Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Os Mutantes, "Geléia Geral" (Torquato Neto – Gilberto Gil), interpretada por Gilberto Gil, e Baby (Caetano Veloso), interpretada por Gal Costa e Caetano Veloso. No lado B do LP as músicas estão mais voltadas para o sincretismo religioso: "Três Caravelas" (Las tres carabelas) (E. Moreu – A. Alguerô Jr. – versão João de Barro), interpretada por Caetano Veloso e Gilberto Gil, "Enquanto Seu Lobo Não Vem" (Caetano Veloso), interpretada por

Caetano Veloso, “Mamãe Coragem” (Torquato Neto – Caetano Veloso), interpretada por Gal Costa, “Bat Macumba” (Gilberto Gil – Caetano Veloso), interpretada por Gilberto Gil, e “Hino ao Senhor do Bonfim” (Petion de Vilar – João A. Wanderley), interpretada por Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Os Mutantes.

A capa do álbum apresenta artistas ligados diretamente ao movimento, na qual cada um representa ou traz consigo um ícone cultural nacional ou internacional. Ao analisar a foto, percebe-se uma semelhança entre a forma como o grupo se posiciona, com fotos patriarcais de outrora. O ambiente, com vitrais e plantas tropicais, mostra Os Mutantes em pé: Arnaldo Baptista, Sérgio Dias e Rita Lee segurando guitarras que lembram o rock e as roupas d’Os Beatles. Ao lado do trio aparece Caetano, sentado, com cabelos grandes e desgrelhados, exibindo a foto de Nara Leão, a moça brejeira. Tom Zé carrega uma mala de couro, como fazem os migrantes nordestinos. Gal Costa e Torquato Neto formam o casal do interior, sentados lado a lado. Vê-se Rogério Duprat, o erudito, com um penico na mão, numa alusão a uma xícara - chávena-urinol, que remete a Duchamp. Gilberto Gil está sentado à frente de todos, vestido com toga, mostrando o retrato de formatura de Capinam.

A foto faz referência à realidade cotidiana, com o nome editado, talvez propositalmente errado, e a síntese do Brasil arcaico e provinciano com o moderno expresso pelas listras das cores da bandeira nacional, o que produz um efeito de profundidade. Na contracapa, encontra-se o texto de um suposto roteiro cinematográfico de Caetano Veloso em que as personagens são os próprios tropicalistas a travarem um diálogo irreverente, sem sentido algum.

Caetano Veloso, um dos líderes do movimento tropicalista, é considerado a mais importante voz poética de sua geração. Tem-se a música dele, “Tropicália”, com prestígio similar. Dessa forma, ao analisar as canções tanto de Caetano, quanto do grupo, percebe-se que a escrita de Oswald de Andrade contribuiu diretamente para a configuração da Tropicália e influenciou no estilo composicional de todos.

Torna-se evidente então que os artistas tropicalistas combinaram música e poesia, melodia e texto propositalmente, no qual a letra está intrínseca a todos. Assim, perde muito se analisada separada da melodia, pois somente se consegue o sentido real se observada como um conjunto de elementos influentes que foram escolhidos para compor as doze canções produzidas pelo grupo.

Na análise de alguns trechos da música “Tropicália”, de Caetano Veloso, do disco manifesto *Panis et Circensis*, percebe-se uma crítica à ditadura militar. Logo no início, faz-se menção a Pero Vaz Caminha, escritor português, responsável por descrever as primeiras impressões desde a chegada ao Brasil, em 1500. Assim, o trecho a seguir leva a pensar na “descoberta” do Brasil, no que ele visualizou e relatou na carta enviada ao Rei de Portugal, Dom Manuel I:

*“Quando Pero Vaz Caminha
Descobriu que as terras brasileiras
Eram férteis e verdejantes,
Escreveu uma carta ao rei:
Tudo que nela se planta,
Tudo cresce e floresce.
E o Gauss da época gravou”.*

A estrofe seguinte constrói na mente do receptor uma sequência simultânea das imagens mencionadas, o chamado sincronismo. Percebe-se muito um jogo de contrariedades, em que os elementos estão em oposição, como a questão da modernidade e do arcaico: (cabeça x pés; aviões x caminhões; chapadões x nariz; sobre x sob).

*Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz*

Tanto a Bossa Nova quanto a palhoça são exaltadas. A primeira diz respeito ao movimento musical que revolucionou a música brasileira nos finais dos anos 50 e que foi uma fonte inspiradora do movimento tropicalista. Já a palhoça remete ao Brasil rural, em que há uma construção cuja cobertura é feita de palha, própria para o armazenamento da mandioca. No entanto, também percebe-se uma semelhança entre as palavras “palhoça” e “palhaço”, fazendo uma crítica ao brasileiro, “feito de bobo” pelo governo. Além disso, a repetição do fonema /s/ pode representar a risada irônica de quem manda nas regras.

Viva a Bossa, sa, sa

Viva a Palhoça, ça, ça, ça, ça.

O monumento é uma imagem recorrente ao longo da música. Trata-se do Palácio do Planalto, sede do Governo Federal em Brasília, a capital referência em modernização, no entanto, um elemento frágil e descartável:

O monumento

É de papel crepom e prata.

A natureza e a miscigenação racial também são ressaltadas com ironia, como símbolos de nacionalidade. Além do mais, observa-se a repetição da sílaba “ta”, que faz alusão ao barulho dos armamentos usados nas duas primeiras grandes guerras mundiais

Viva a mata, ta, ta

Viva a mulata, ta, ta, ta, ta.

Na estrofe posterior, a contrariedade marcante das classes reaparece, apontando e criticando os burgueses como detentores da riqueza e pilares da modernização:

No pátio interno há uma piscina

Com água azul de amarelina

Coqueiros brisa e fala nordestina

E faróis.

Apesar de ser reconhecida intensamente no campo musical, a Tropicália foi bastante influenciada por outras áreas artísticas. A literatura de Agrippino de Paula, o cinema de Glauber Rocha e, o teatro de José Celso Martinez foram decisivos para a deflagração dos ideais tropicalistas.

Na literatura, José Agrippino de Paula foi destaque com PanAmérica (1967), uma epopeia considerada um romance revolucionário. O escritor, ainda pouco conhecido do público em geral, embora muito prestigiado nos meios intelectuais e artísticos, é hoje famoso por ter influenciado a Tropicália, apesar de preferir-se como um “artista da pop art”. Além da referência na literatura, Agrippino contribuiu para o cinema, a dança e o teatro.

PanAmérica é uma epopeia intercontinental, antiexistencial e antipsicanalítico, que narra na primeira pessoa do singular uma história de teor fantástico vivenciada por um cineasta filmando uma versão da Bíblia Sagrada. Trata-se de uma descrição minuciosa inspirada na *Iliada*, de Homero, com uma imaginação fantástica, autêntica, que se relaciona com as aventuras de Gulliver, romance de Jonathan Swift.

Em entrevista à *Folha*, em 2001, Agrippino conta: “Não tem muitos escrevendo literatura urbana hoje”. Ademais, diz que considera que seu livro será sempre atual: "Acho que o livro não vai envelhecer, pois escolhi para serem meus personagens figuras que são legendárias, como a Marilyn Monroe ou o Yul Brynner, que as pessoas conheciam e vão continuar conhecendo enquanto a cultura americana for tão dominante."

Embora tenha escrito sobre o tema das metrópoles, Agrippino viveu os últimos dias de vida em Embu – São Paulo, isolado da cidade. Mesmo doente, sofrendo de esquizofrenia, a grande cidade ainda o encanta: “Sempre achei que as metrópoles eram foco de criação, um lugar para exercitar a criatividade, e quero continuar a escrever romances sobre cidade, mas quero o realismo, não a literatura fantástica que usei em "PanAmérica", nem o estilo da literatura regional, [que] não me interessa."

Composta de um só parágrafo, a obra tem personagens midiáticos da época, como Marilyn Monroe, John Wayne, Cary Grant, Cassius Clay, Burt Lancaster, Marlon Brando e o jogador de beisebol norte-americano Joe DiMaggio. Agrippino misturou o real com o realismo fantástico. Assim, a narrativa anti-realista é influenciada pela pop art norte-americana, que é um movimento artístico que se caracteriza pela reprodução de temas relacionados ao consumo, publicidade e estilo de vida americano, deixando prevalecer o urbano.

Os personagens como Gargântua e Pantagrue são gigantes e inverossímeis. Tudo acontece muito rápido, fazendo o leitor hesitar muitas vezes sobre a verossimilhança da narrativa. Ao tempo que parece real, aparenta irreal. Apesar da dúvida, as personagens são figuras fantasmáticas do inconsciente coletivo: elas representam o inconsciente, os desejos do indivíduo consumidor.

Ademais, PanAmérica foi o livro que inspirou Caetano Veloso e Gilberto Gil, pouco antes do movimento ter início. Escreveu Caetano, no prefácio da terceira edição do romance:

“Antes do lançamento de qualquer uma das canções tropicalistas, tomei contato com PanAmérica”.

Como outras áreas influenciadas pelo Antropofagismo, a literatura de Agrippino prova com o coloquialismo, a condensação imagética e a observação irônica da realidade nacional a importância que esse movimento cultural de Oswald de Andrade teve no Brasil.

No ramo cinematográfico, o tropicalismo teve referências fervorosas. O Cinema Novo, por exemplo, surgiu na segunda metade dos anos 50, já inaugurando uma nova perspectiva crítica ao cinema brasileiro produzido na época. Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Ruy Guerra, Joaquim Pedro de Andrade e Glauber Rocha foram os principais representantes dessa vertente, que se reuniam para elaborar novos ideais para o cinema brasileiro, e realizaram produções com qualidade internacional. A intenção deles era deixar a produção mais barata e fazer da realidade brasileira o tema central.

Desses visionários, o que mais se destacou foi o baiano Glauber Rocha, com o filme “Terra em transe”, lançado no ano de 1967, que repercutiu nacional e internacionalmente pela forte e explícita crítica à realidade política e cultural do Brasil da época. Além disso, no filme, os temas estão direta ou indiretamente ligados ao subdesenvolvimento cultural e político do povo brasileiro.

Caetano Veloso revelou em entrevistas ter sido também bastante influenciado pelo filme “Terra em transe”, na sua música “Tropicália”, destacando duas cenas. A primeira é a que o protagonista tapa a boca de um sindicalista de direita e diz, “Isto é o povo, um imbecil, um analfabeto, um despolitizado”. E a outra é quando um homem pobre começa a se “rebelar” exigindo seus direitos e cobrando deveres dos políticos e, então, é rapidamente reprimido com um cano de arma na sua boca. Para Veloso, essas cenas representavam a morte do populismo e era hora de reagir.

Glauber Rocha foi bastante criticado no Brasil, mas no exterior foi elogiado e indicado a várias premiações, das quais conquistou a maioria. Sua principal importância para o movimento tropicalista foi exatamente a coragem de retratar e criticar a real situação política do país no exato momento em que ela ocorria.

A influência de Glauber Rocha estendeu-se ao teatro, com destaque a José Celso Martinez Correa, que dirigiu a peça “O rei da vela”, em 1967, uma releitura de um dos principais textos dramáticos de Oswald de Andrade, escrito em 1933, mas publicado apenas em 1937, por causa da censura. O texto de Oswald era bastante crítico porque tratava das falcatruas do capitalismo, misturando chanchada, circo, sexo, pornografia e linguagem debochada. Um prato cheio para José Celso, que o dirigiu no Teatro Oficina, que tinha como objetivo explorar e ampliar os limites criativos do teatro brasileiro na época, também voltado para a burguesia e com temas irrelevantes. Celso utilizou-se da liberdade de criação e do conceito “antropofágico” de absorver e deglutir não só elementos internacionais, mas também brasileiros, que eram deixados em segundo plano. Assim, a peça “O rei da vela”, de José Celso, tornou-se o Manifesto do Grupo Oficina e mais uma importante referência para o movimento tropicalista.

A Tropicália durou, ao que parece, apenas cerca de 14 meses, mas deve ser reconhecida muito além de uma simples modalidade musical e estudada não somente nesta fase. É que buscou fontes em todas as épocas anteriores e deixou marcas que podem ser vistas atualmente, como no movimento Mangue-Beat. Originário de Recife, Mangue-Beat é um estilo musical surgido na década de 90, quando bandas como Nação Zumbi e Chico Science decidiram misturar a música pop internacional, como o rap, várias vertentes eletrônicas e o rock neopsicodélico inglês aos gêneros tradicionais da música pernambucana, como o maracatu.

REFERÊNCIAS

COELHO, Cláudio N. P. **A Tropicália**: cultura e política nos anos 60. Tempo social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1(2): 159 – 176.

CONTIER, Arnaldo Daraya; FISCHER, Catarina Justus; FABRÍCIO, Ovanil; et all. **O movimento tropicalista e a revolução estética**.

GOULART, Ana Paula; TIMPONI, Raquel; AUTRAN, Leticia et al. **Tropicália**: a contracultura na Música Popular Brasileira. Apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

PATRIOTA, Rosângela. **Terra em transe e o Rei da vela**: estética da recepção e historicidade.

SILVA, Karin Hallana S.; AZEVEDO, Tânia De. **Tropicália e a pós-modernidade**: uma (re)leitura possível. Ensaio apresentado à disciplina Literatura Brasileira II – LTA 277 -, no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.